

**-- CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS --****Texto 14A1-I**

As línguas são, de certo ponto de vista, totalmente equivalentes quanto ao que podem expressar, e o fazem com igual facilidade (embora lançando mão de recursos bem diferentes). Entretanto, dois fatores dificultam a aplicação de algumas línguas a certos assuntos: um, objetivo, a deficiência de vocabulário; outro, subjetivo, a existência de preconceitos.

É preciso saber distinguir claramente os méritos de uma língua dos méritos (culturais, científicos ou literários) daquilo que ela serve para expressar. Por exemplo, se a literatura francesa é particularmente importante, isso não quer dizer que a língua francesa seja superior às outras línguas para a expressão literária. O desenvolvimento de uma literatura é decorrência de fatores históricos independentes da estrutura da língua; a qualidade da literatura francesa diz algo dos méritos da cultura dos povos de língua francesa, não de uma imaginária vantagem literária de se utilizar o francês como veículo de expressão. Victor Hugo poderia ter sido tão importante quanto foi mesmo se falasse outra língua — desde que pertencesse a uma cultura equivalente, em grau de adiantamento, riqueza de tradição intelectual etc., à cultura francesa de seu tempo.

Igualmente, sabe-se que a maior fonte de trabalhos científicos da contemporaneidade são as instituições e os pesquisadores norte-americanos; isso fez do inglês a língua científica internacional. Todavia, se os fatores históricos que produziram a supremacia científica norte-americana se tivessem verificado, por exemplo, na Holanda, o holandês nos estaria servindo exatamente tão bem quanto o inglês o faz agora. Não há no inglês traços estruturais intrínsecos que o façam superior ao holandês como língua adequada à expressão de conceitos científicos.

Não se conhece caso em que o desenvolvimento da superioridade literária ou científica de um povo possa ser claramente atribuído à qualidade da língua desse povo. Ao contrário, as grandes literaturas e os grandes movimentos científicos surgem nas grandes nações (as mais ricas, as mais livres de restrições ao pensamento e também — ai de nós! — as mais poderosas política e militarmente). O desenvolvimento dos diversos aspectos materiais e culturais de uma nação se dá mais ou menos harmoniosamente; a ciência e a arte são também produtos da riqueza e da estabilidade de uma sociedade.

O maior perigo que correm as línguas, hoje em dia, é o de não desenvolverem vocabulário técnico e científico suficiente para acompanhar a corrida tecnológica. Se a defasagem chegar a ser muito grande, os próprios falantes acabarão optando por utilizar uma língua estrangeira ao tratarem de assuntos científicos e técnicos.

Mário A. Perini. *O rock português (a melhor língua para fazer ciência)*. In: *Ciência Hoje*, 1994 (com adaptações).

Considerando os sentidos e os aspectos linguísticos do texto 14A1-I, julgue os itens a seguir.

- 51 No primeiro período do primeiro parágrafo, a supressão do vocábulo “quanto” preservaria os sentidos originais do texto.
- 52 Apesar de funcionar, no texto, como recurso coesivo que introduz uma oração explicativa, a conjunção “embora” (primeiro período do primeiro parágrafo) poderia ser substituída por **quando**, sem prejuízo da correção gramatical e da coerência do texto.
- 53 No primeiro período do primeiro parágrafo, o termo “bem” intensifica o sentido do termo “diferentes”.

- 54 A inserção da conjunção **mas** para introduzir o trecho “não de uma imaginária vantagem literária de se utilizar o francês como veículo de expressão” (terceiro período do segundo parágrafo) manteria a correção gramatical e a coerência do texto.
- 55 No último período do segundo parágrafo, a oração introduzida por “desde que” exprime uma condição hipotética relacionada ao trecho “Victor Hugo poderia ter sido tão importante quanto foi mesmo se falasse outra língua”.
- 56 O vocábulo “suficiente” (primeiro período do último parágrafo) é sinônimo de **bastante**.
- 57 No primeiro período do terceiro parágrafo, o termo “que” introduz uma oração subordinada adjetiva restritiva que predica a oração principal do período, atribuindo-lhe uma qualidade.
- 58 No primeiro período do terceiro parágrafo, o pronome “isso” retoma a ideia veiculada pelo trecho “Igualmente, sabe-se que a maior fonte de trabalhos científicos da contemporaneidade são as instituições e os pesquisadores norte-americanos”.
- 59 No primeiro período do quarto parágrafo, o emprego do pronome “se” constitui uma estratégia de indeterminação do sujeito oracional.
- 60 O emprego da expressão “ai de nós!” (quarto parágrafo) indica que o texto foi construído com base na modalidade coloquial da língua portuguesa.
- 61 No primeiro período do último parágrafo, o verbo **correr** está empregado com sentido denotativo.

A respeito dos aspectos gramaticais do texto 14A1-I, julgue os itens a seguir.

- 62 A correção gramatical do texto seria mantida com a substituição do termo “ao”, em “quanto ao que podem expressar” (primeiro período do primeiro parágrafo), por **aquilo**.
- 63 No trecho “dois fatores dificultam a aplicação de algumas línguas a certos assuntos” (segundo período do primeiro parágrafo), a expressão “dois fatores” funciona como sujeito simples.
- 64 No trecho “É preciso saber distinguir claramente os méritos de uma língua” (segundo parágrafo), as três formas verbais, juntas, formam um sujeito composto oracional.
- 65 No segundo período do segundo parágrafo, a conjunção “se” introduz uma oração subordinada adverbial condicional.
- 66 A palavra “decorrência” (segundo parágrafo) é formada pelo processo de derivação sufixal, a partir do verbo **decorrer** e do sufixo **-ência**.
- 67 No último período do segundo parágrafo, o trecho “em grau de adiantamento, riqueza de tradição intelectual etc.” está entre vírgulas porque se encontra intercalado entre o termo “equivalente” e seu complemento nominal.
- 68 No último período do quarto parágrafo, o vocábulo “produtos” está flexionado no plural porque concorda com o sujeito composto “a ciência e a arte”.
- 69 O vocábulo “intrínsecos”, empregado no último período do terceiro parágrafo, é formado por derivação prefixal, mediante o acréscimo do prefixo de negação **-in**.
- 70 No último período do quarto parágrafo, o uso da próclise pronominal em “se dá” é obrigatório.

Para muitos escritores [brasileiros] do século XVII e de grande parte do XVIII, a linguagem metafórica e os jogos de argúcia do espírito barroco eram maneiras normais de comunicar a sua impressão a respeito do mundo e da alma. E isto só poderia ser favorecido pelas condições do ambiente, formado de contrastes entre a inteligência do homem culto e o primitivismo reinante, entre a grandeza das tarefas e a pequenez dos recursos, entre a aparência e a realidade. Como a desproporção gera o senso dos extremos e das oposições, esses escritores se adaptaram com vantagem a uma moda literária que lhes permitia empregar ousadamente a antítese, a hipérbole, as distorções mais violentas da forma e do conceito. Para eles, o estilo barroco foi uma linguagem providencial e, por isso, gerou modalidades tão tenazes de pensamento e expressão que, apesar da passagem das modas literárias, muito delas permaneceu como algo congenial ao país.

No Brasil, sobretudo naqueles séculos, esse estilo equivalia a uma visão — graças à qual foi possível ampliar o domínio do espírito sobre a realidade, atribuindo-se sentido alegórico à flora, magia à fauna, grandeza sobre-humana aos atos. Poderoso fator ideológico, ele compensa de certo modo a pobreza dos recursos e das realizações; e, ao dar transcendência às coisas, a fatos e a pessoas, transpõe a realidade local à escala do sonho.

Antonio Candido. *Literatura de dois gumes. In: A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1989, p. 168 (com adaptações).

A partir do texto precedente, julgue os itens a seguir, considerando as relações entre o estilo barroco e a realidade brasileira do século XVII.

- 71 O contraste “entre a aparência e a realidade” diz respeito tanto às contradições da vida social brasileira no século XVII quanto a um dos eixos centrais do estilo barroco: “o senso dos extremos e das oposições”.
- 72 De acordo com o texto, uma das contribuições da literatura barroca para a sociedade da época foi evidenciar que a linguagem figurada e alegórica podia ampliar a compreensão da realidade nacional contraditória.
- 73 A “antítese, a hipérbole, as distorções mais violentas da forma e do conceito” estão entre as características que mais evidenciaram o contraste entre o estilo barroco e a realidade nacional.

### Espaço livre

### Quem sou eu?

- 1 Se negro sou, ou sou bode,  
Pouco importa. O que isto pode?  
Bodes há de toda a casta,
- 4 Pois que a espécie é muita vasta...  
Há cinzentos, há rajados,  
Baios, pampas e malhados,
- 7 Bodes negros, bodes brancos,  
E, sejamos todos francos,  
Uns plebeus, e outros nobres,
- 10 Bodes ricos, bodes pobres,  
Bodes sábios, importantes,  
E também alguns tratantes...
- 13 Aqui, nesta boa terra,  
Marram todos, tudo berra;  
Nobres Condes e Duquesas,
- 16 Ricas Damas e Marquesas,  
Deputados, senadores,  
Gentis-homens, vereadores;
- 19 Belas Damas emproadas,  
De nobreza empantufadas;  
Repimpados principotes,
- 22 Orgulhosos fidalgotes,  
Frades, Bispos, Cardeais,  
Fanfarrões imperiais.
- 25 Gentes pobres, nobres gentes,  
Em todos há meus parentes.  
Entre a brava militança
- 28 Fulge e brilha alta bodança;  
Guardas, Cabos, Furriéis,  
Brigadeiros, Coronéis,
- 31 Destemidos Marechais,  
Rutilantes Generais,  
Capitães de mar e guerra,
- 34 — Tudo marra, tudo berra —  
Na suprema eternidade,  
Onde habita a Divindade,
- 37 Bodes há santificados,  
Que por nós são adorados.  
Entre o coro dos Anjinhos
- 40 Também há muitos bodinhos.  
O amante de Siringa  
Tinha pelo e má catinga;
- 43 O deus Midas, pelas contas,  
Na cabeça tinha pontas;  
Jove quando foi menino,
- 46 Chupitou leite caprino;  
E, segundo o antigo mito,  
Também Fauno foi cabrito.
- 49 Nos domínios de Plutão,  
Guarda um bode o Alcorão;  
Nos lundus e nas modinhas
- 52 São cantadas as bodinhas:  
Pois se todos têm rabicho,  
Para que tanto capricho?
- 55 Haja paz, haja alegria,  
Folgue e brinque a bodaria;  
Cesse, pois, a matinada,
- 58 Porque tudo é bodarrada.

Luis Gama. *Quem sou eu?* In: Silvio Romero. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Garnier, 1888. Internet: <www.brasiliana.usp.br> (com adaptações).

### Glossário

Siringa: belíssima ninfa da água na mitologia clássica.  
Midas: personagem da mitologia grega, rei da Frígia.  
Jove: ou Júpiter, ou Zeus, deus dos deuses e dos homens.  
Fauno: deus romano protetor dos pastores e rebanhos.  
Plutão: ou Hades, deus que possuía as chaves do reino dos mortos.

A partir do texto do poeta romântico Luís Gama, julgue os seguintes itens, quanto à representação literária dos tipos sociais e dos costumes da sociedade burguesa no Brasil do século XIX.

- 74 O ritmo do poema e a lista de enumerações burlescas dos tipos sociais conferem ao poema o colorido mestiço da realidade nacional da época.
- 75 A força satírica do poema está concentrada na desmistificação cômica da presença do racismo em uma sociedade tão miscigenada como a brasileira.
- 76 Ao recorrer a recursos estilísticos antirromânticos, como a referência à mitologia clássica, o poeta assume a postura de observador distanciado da realidade brasileira oitocentista.

Com relação a aspectos linguísticos do poema **Quem sou eu?**, anteriormente apresentado, julgue os próximos itens.

- 77 A palavra “guerra” (33.º verso) é escrita com seis letras, mas possui apenas quatro fonemas.
- 78 O poeta lança mão de processos de derivação sufixal para criar novas palavras a partir do radical do substantivo “bode”.
- 79 No 44.º verso, o verbo **ter** é impessoal, significando o mesmo que **haver, existir**.
- 80 Do 5.º ao 7.º verso e do 9.º ao 11.º verso, o poeta constrói, em cada verso, uma descrição baseada em adjetivos antônimos entre si.

#### Teoria do medalhão (diálogo)

— Saiu o último conviva do nosso modesto jantar. Com que, meu peralta, chegaste aos teus vinte e um anos. Há vinte e um anos, no dia 5 de agosto de 1854, vinhas tu à luz, um pirralho de nada, e estás homem, longos bigodes, alguns namoros...

— Papai...

— Não te ponhas com denguiques, e falemos como dois amigos sérios. Fecha aquela porta; vou dizer-te coisas importantes. Senta-te e conversemos. Vinte e um anos, algumas apólices, um diploma, podes entrar no parlamento, na magistratura, na imprensa, na lavoura, na indústria, no comércio, nas letras ou nas artes. Há infinitas carreiras diante de ti. Vinte e um anos, meu rapaz, formam apenas a primeira sílaba do nosso destino. (...) Mas qualquer que seja a profissão da tua escolha, o meu desejo é que te faças grande e ilustre, ou pelo menos notável, que te levantes acima da obscuridade comum. (...)

— Sim, senhor.

— Entretanto, assim como é de boa economia guardar um pão para a velhice, assim também é de boa prática social acautelar um ofício para a hipótese de que os outros falhem, ou não indenizem suficientemente o esforço da nossa ambição. É isto o que te aconselho hoje, dia da tua maioridade.

— Creia que lhe agradeço; mas que ofício, não me dirá?

— Nenhum me parece mais útil e cabido que o de medalhão. Ser medalhão foi o sonho da minha mocidade; faltaram-me, porém, as instruções de um pai, e acabo como vês, sem outra consolação e relevo moral, além das esperanças que deposito em ti. Ouve-me bem, meu querido filho, ouve-me e entende. (...)

— Entendo.

— Venhamos ao principal. Uma vez entrado na carreira, deves pôr todo o cuidado nas ideias que houveres de nutrir para uso alheio e próprio. O melhor será não as ter absolutamente (...).

— Mas quem lhe diz que eu...

— Tu, meu filho, se me não engano, pareces dotado da perfeita inófia mental, conveniente ao uso deste nobre ofício. Não me refiro tanto à fidelidade com que repetes numa sala as opiniões ouvidas numa esquina, e vice-versa, porque esse fato, posto indique certa carência de ideias, ainda assim pode não passar de uma traição da memória. Não; refiro-me ao gesto correto e perfilado com que usas expender francamente as tuas simpatias ou antipatias acerca do corte de um colete, das dimensões de um chapéu, do ranger ou calar das botas novas. Eis aí um sintoma eloquente, eis aí uma esperança. No entanto, podendo acontecer que, com a idade, venhas a ser afligido de algumas ideias próprias, urge aparelhar fortemente o espírito. As ideias são de sua natureza espontâneas e súbitas; por mais que as soframos, elas irrompem e precipitam-se. Daí a certeza com que o vulgo, cujo faro é extremamente delicado, distingue o medalhão completo do medalhão incompleto.

Machado de Assis. **Teoria do medalhão**. In: **50 contos escolhidos de Machado de Assis**. Seleção, introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 82-83 (com adaptações).

Considerando o texto **Teoria do medalhão** e o conjunto da obra de Machado de Assis, julgue os itens a seguir, quanto à relação entre a ironia machadiana e o veio satírico presente em obras de diferentes contextos e épocas da literatura brasileira.

- 81 A ironia machadiana presente no conto apresentado mantém clara afinidade, na forma e no conteúdo, com a sátira de Gregório de Matos à cidade da Bahia no século XVII: ambas criticam a vida de aparências e tomam partido dos explorados.
- 82 Comparando-se a ironia com que Machado de Assis apresenta os representantes da elite local à sátira feita pelos árcades aos representantes da coroa portuguesa, conclui-se que, nos dois casos, os autores estão em oposição à ordem social estabelecida.
- 83 Em **Teoria do medalhão**, o conselho do pai para que o filho não tenha ideias — “não pense em nada além de coletes, chapéus e botas novas” — sintetiza a visão irônica que perpassa a produção satírica brasileira e encontra em Machado de Assis a forma mais bem-acabada de crítica à vida social da elite brasileira.
- 84 Na tradição da poesia satírica — do Barroco ao Romantismo —, diferentemente do texto de Machado de Assis, os personagens satirizados, propositadamente, não falam de si mesmos; uma vez que eles figuram nas obras como alvo da visão crítica do autor, é sempre o poeta quem fala sobre os defeitos deles.
- 85 O texto se estrutura sobre a tensão entre a linguagem formal, que domina a cena íntima e familiar descrita, e a linguagem coloquial que o discurso filosófico do pai assume no momento de aconselhar o filho.
- 86 A centralidade da ironia no texto fica evidente na relação entre o subtítulo — “**(diálogo)**” — e o andamento da conversa entre pai e filho, que reflete o caráter patriarcal da sociedade brasileira no século XIX: o pai fala, o filho obedece.
- 87 Há no texto um forte contraste na composição dos personagens: enquanto os aspectos físicos do filho são detalhadamente descritos, o pai é apresentado ao leitor por meio da descrição complexa de seus caracteres psicológicos.
- 88 A presença discreta do narrador onisciente, mediando o conflito entre pai e filho, conduz o leitor a tomar posição em favor dos argumentos paternos, uma vez que esses coincidem com o ponto de vista assumido pelo narrador.

Considerando os aspectos linguísticos do texto **Teoria do medalhão**, apresentado anteriormente, julgue os itens a seguir.

- 89 No terceiro parágrafo, tanto “ponhas” quanto “Fecha” são formas verbais flexionadas na segunda pessoa do singular do modo imperativo.
- 90 Na oração “se me não engano” (primeiro período do último parágrafo), seria igualmente correto realizar a próclise pronominal da seguinte maneira: se não me engano.
- 91 O sinal de acentuação no verbo “pôr” (nono parágrafo) caracteriza o chamado acento diferencial.
- 92 Na oração “urge aparelhar fortemente o espírito” (último parágrafo), o segmento “urge aparelhar” constitui uma locução verbal.
- 93 No último período do texto, o termo “do medalhão incompleto” exerce a função sintática de adjunto adnominal.
- 94 O trecho “Saiu o último conviva do nosso modesto jantar” (primeiro parágrafo) constitui um período composto, dado que apresenta mais de uma oração.
- 95 No trecho “posto indique certa carência de ideias” (último parágrafo), o vocábulo “posto” classifica-se como conjunção explicativa.
- 96 Na narrativa, o pai usa diferentes vocativos para se referir ao filho, tais como “meu peralta” e “um pirralho de nada”, no primeiro parágrafo.
- 97 No texto, os travessões indicam a mudança dos interlocutores.
- 98 Infere-se do texto que a palavra **ofício** está elíptica no trecho “que o de medalhão” (sétimo parágrafo).

Resolvo-me a contar, depois de muita hesitação, casos passados há dez anos. Não conservo notas: algumas que tomei foram inutilizadas, e assim, com o decorrer do tempo, ia-me parecendo cada vez mais difícil, quase impossível, redigir esta narrativa. Além disso, julgando a matéria superior às minhas forças, esperei que outros mais aptos se ocupassem dela. Não vai aqui falsa modéstia, como adiante se verá. Também me afligiu a ideia de jogar no papel criaturas vivas, sem disfarces, com os nomes que têm no registro civil. Repugnava-me deformá-las, dar-lhes pseudônimo, fazer do livro uma espécie de romance; mas teria eu o direito de utilizá-las em história presumivelmente verdadeira? Que diriam elas se se vissem impressas, realizando atos esquecidos, repetindo palavras contestáveis e obliteradas? Restar-me-ia alegar que o DIP, a polícia, enfim, os hábitos de um decênio de arrocho, me impediram o trabalho. Isto, porém, seria injustiça. Nunca tivemos censura prévia em obra de arte. Efetivamente se queimaram alguns livros, mas foram raríssimos esses autos de fé. Em geral a reação se limitou a suprimir ataques diretos, palavras de ordem, tiradas demagógicas, e disto escasso prejuízo veio à produção literária. Certos escritores se desculpam de não haverem forjado coisas excelentes por falta de liberdade — talvez ingênuo recurso de justificar inépcia ou preguiça. Liberdade completa ninguém desfruta: começamos oprimidos pela sintaxe e acabamos às voltas com a Delegacia de Ordem Política e Social, mas, nos estreitos limites a que nos coagem a gramática e a lei, ainda nos podemos mexer. Não será impossível acharmos nas livrarias libelos terríveis contra a república novíssima, às vezes com louvores dos sustentáculos dela, indulgentes ou cegos. Não caluniemos o nosso pequenino fascismo tupinambá: se o fizermos, perderemos qualquer vestígio de autoridade e, quando formos verazes, ninguém nos dará crédito. De fato ele não nos impediu escrever. Apenas nos suprimiu o desejo de entregar-nos a esse exercício.

Graciliano Ramos. *Memórias do cárcere*. Editora Record.

Tendo o texto precedente como referência inicial, julgue os itens subsecutivos, relacionados ao Modernismo e a tendências contemporâneas da literatura brasileira.

- 99 A expressão “fascismo tupinambá”, ao final do texto, carrega um teor político de crítica ao momento histórico no qual a obra se ambienta, o qual envolve fatos como o regime de exceção no Brasil.
- 100 No texto, o autor pondera sobre os sentidos de liberdade para depois tecer uma crítica a escritores que atribuem à prisão a falta de criatividade.
- 101 A metalinguagem está presente no texto como recurso utilizado pelo autor para fazer uma reflexão sobre as limitações objetivas e subjetivas do seu processo de escrita.
- 102 A obra **Memórias do Cárcere** pode ser concebida como um testemunho literário, construído na perspectiva do sujeito-autor, sobre a prisão a que Graciliano Ramos foi submetido durante o Estado Novo e, por conseguinte, sobre as agruras desse período, como a tortura, a vida em porões e as privações provocadas por um regime ditatorial.
- 103 Graciliano Ramos, cuja obra é marcada pela crítica social, integra a Geração de 30, que caracteriza o período da literatura brasileira no qual os temas nacionalistas e regionalistas se fortalecem e os escritores, especialmente os nordestinos, retratam a realidade do sertão e a exploração do homem.
- 104 Embora a obra de Graciliano Ramos seja caracterizada como realista, ou seja, contrária às concepções românticas da arte, as **Memórias do Cárcere** começaram a ser redigidas em um momento de mudança de padrões literários, que colocou em segundo plano o realismo e foi considerado pela crítica e pela história da literatura um divisor de águas na literatura brasileira moderna.

Com relação ao gênero textual e a aspectos linguísticos do fragmento apresentado de **Memórias do Cárcere**, de Graciliano Ramos, julgue os próximos itens.

- 105 **Memórias do Cárcere** é considerada uma obra híbrida, resultado da combinação de autobiografia, memorialismo, ensaio e romance.
- 106 No trecho “Que diriam elas se se vissem impressas”, a primeira ocorrência do “se” é conjunção condicional, ao passo que, na segunda ocorrência, o “se” indica que o verbo **ver** é pronominal.
- 107 No trecho “deformá-las, dar-lhes pseudônimo, fazer do livro uma espécie de romance; mas teria eu o direito de utilizá-las em história presumivelmente verdadeira?”, os pronomes átonos foram empregados como recursos para estabelecer coesão gramatical referencial, ao passo que o conectivo “mas” estabelece coesão frásica.
- 108 No trecho “Efetivamente se queimaram alguns livros, mas foram raríssimos esses autos de fé”, a expressão “autos de fé” foi utilizada em sentido denotativo, ou seja, para referir-se a um tipo de processo de destruição pelo fogo, queima.
- 109 No fragmento em questão, predomina a função emotiva da linguagem.
- 110 No trecho “Restar-me-ia alegar que o DIP, a polícia, enfim, os hábitos de um decênio de arrocho, me impediram o trabalho”, o uso da mesóclise expressa noção do tempo verbal do futuro do presente.

A leitura é um processo cognitivo, histórico, cultural e social de produção de sentidos. Isso significa dizer: o leitor — um sujeito que atua socialmente, construindo experiências e história — compreende o que está escrito a partir das relações que estabelece entre as informações do texto e seus conhecimentos de mundo, ou seja, o leitor é sujeito ativo do processo. Na leitura, não age apenas decodificando, isto é, juntando letras, sílabas, palavras, frases, porque ler é muito mais do que apenas decodificar. Ler é atribuir sentidos. E, ao compreender o texto como um todo coerente, o leitor pode ser capaz de refletir sobre ele, de criticá-lo, de saber como usá-lo em sua vida.

Conceber a leitura desse modo muda radicalmente a forma de pensar e de organizar o seu ensino. Se os sentidos não estão prontos no texto, é preciso contribuir para que os alunos criem boas estratégias para estabelecer relações necessárias à compreensão. É importante que, nas aulas de leitura, o aluno faça perguntas, levante hipóteses, confronte interpretações, conte sobre o que leu e não apenas faça questionários de perguntas e respostas de localização de informação. Aula de leitura, então, começa com o acionamento ou a mobilização de conhecimentos anteriores do leitor. Os textos são marcados pelo momento histórico em que são escritos, pela cultura que os gerou, e ter essas informações, no momento da leitura, contribui para a compreensão.

Uma nova concepção de leitura pressupõe o outro, os outros. Há um componente social no ato de ler. Lemos para nos conectarmos ao outro que escreveu o texto, para saber o que ele quis dizer, o que quis significar. Mas lemos também para responder às nossas perguntas, aos nossos objetivos. Nas aulas tradicionais de leitura, o aluno lê por ler, ou para responder perguntas para o professor saber que ele leu. Em situações sociais, em nossa vida cotidiana, no entanto, lemos para buscar respostas para nossas perguntas. Ler, portanto, pressupõe objetivos bem definidos. E esses objetivos são do próprio leitor, em cada uma das situações de leitura. São objetivos que vão sendo modificados à medida que lemos o texto. Assim, a cada nova informação, vamos reformulando nossos objetivos. Um grande desafio das aulas de leitura é levar o aluno a formular (e reformular) seus próprios objetivos.

Delaine Caferio. **Letramento e leitura:** formando leitores críticos. In: Egon de Oliveira Rangel e Roxane Helena Rodrigues Rojo. **Língua Portuguesa:** ensino fundamental. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010 (com adaptações).

Tendo como referência inicial o texto precedente e considerando as competências e as habilidades propostas pelo Referencial Curricular de Alagoas (ReCAL) com relação ao componente curricular de língua portuguesa no ensino fundamental, julgue os próximos itens.

- 111** O texto apresenta uma concepção de leitura que pressupõe ênfase no leitor, que deve ser concebido como o agente do processo de leitura, devendo a aula de leitura começar com o acionamento ou a mobilização de conhecimentos anteriores do leitor.
- 112** Tanto o texto apresentado quanto o ReCAL concebem a leitura como um processo cognitivo, histórico, cultural e social de produção de sentidos, que não se limita a um mecanismo de decodificação.
- 113** As competências específicas de língua portuguesa para o ensino fundamental incluem a competência de ler textos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo.
- 114** De acordo com o ReCAL, a leitura contempla, além da relação com o texto escrito, o som, imagens estáticas (como esquemas e gráficos) e imagens em movimento (como filmes e vídeos).
- 115** O texto apresentado reproduz o teor da competência específica de língua portuguesa de compreender o fenômeno da variação linguística demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos, uma vez que a autora do texto aborda o uso da língua em diferentes situações sociais.

Considerando as competências e as habilidades propostas pelo ReCAL com relação ao componente curricular de língua portuguesa no ensino fundamental, julgue os próximos itens.

- 116** Um dos conceitos previstos no ReCAL é o de multiletramentos, cuja ideia está centrada em ampliar os modos de letramento, considerando-se o ensino da língua nas mais diversas formas em que ela se manifesta na escola, tanto no que se refere às novas tecnologias, os gêneros digitais inseridos no contexto escolar, quanto no que se refere às práticas de linguagem presentes no cotidiano dos estudantes.
- 117** As competências específicas de linguagens para o ensino fundamental incluem a competência de compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.
- 118** O ReCAL foi concebido como um documento somente norteador, pois cabe a cada escola de Alagoas reformular o seu projeto político-pedagógico em consonância com as consolidações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a qual prevê o diálogo apenas com questões globais, devendo ser obedecidas as competências e as habilidades específicas do componente, que são comuns e devem estar presentes em todas as unidades escolares de ensino do estado.
- 119** No que se refere às práticas de linguagem, nos anos iniciais do ensino fundamental, deve-se dar ênfase aos processos de análise linguística/semiótica (alfabetização e ortografização), ao passo que, nos anos finais do ensino fundamental, há outros tipos de conhecimentos que são importantes, como o conhecimento da situação de comunicação, do gênero textual e do funcionamento dos recursos da língua.
- 120** Devido a demandas relacionadas a falhas nas estratégias de ensino-aprendizagem, a concepção e as estratégias para o ensino de língua portuguesa foram mudando ao longo do tempo, o que incluiu, por exemplo, a ruptura em relação ao ensino tradicional, que se fundamentava no ensino da gramática; por essa razão, atualmente, deve-se dar ênfase à esfera didática em detrimento da esfera normativa.

## Espaço livre